

AS IMAGENS DA MULHER CONTEMPORÂNEA NO ROMANCE *FAZES-ME FALTA*

THE IMAGES OF WOMEN IN CONTEMPORARY ROMANCE *FAZES-ME FALTA*

Tainá Matos Lima Alves¹; Alessandra Leila Borges Gomes²

¹Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS – Feira de Santana/BA – Brasil
taialves_08@hotmail.com

²Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS – Feira de Santana/BA – Brasil
allexleilla@gmail.com

Resumo

*A proposta inicial deste artigo é analisar, através dos relatos dos personagens e apoiado em corpus teóricos, as imagens construídas sobre a mulher na contemporaneidade, a partir de um recorte feito no romance *Fazes-me falta* (2003) de Inês Pedrosa (1962), autora portuguesa, que atuou como deputada em seu país e escritora contemporânea que recorre a literatura para reivindicar o fortalecimento da voz feminina.*

Palavras-chave: imagens; mulher; contemporaneidade.

Abstract

*The initial purpose of this paper is to analyze, through the stories of the characters and supported by theoretical corpus, the images constructed on women in contemporary society, from a cut made in the romance *Fazes-me falta* (2003) Inês Pedrosa (1962), portuguese author, who served as deputy in her country and contemporary writer who uses literature to claim the strengthening of the female voice.*

Key-words: images; woman; contemporaneity.

Introdução

As discussões relacionadas aos avanços dos papéis femininos são temáticas que tangenciam a obra da autora Inês Pedrosa, sob esse aspecto as representações do feminino pós-revolução feminista ganham força, permeando toda a narrativa. Comumente explorados, os perfis de mulher retratam a forte ligação da autora com o movimento. Sobre isso assinala Domenes:

Após o surgimento do feminismo, a voz feminina, silenciada por tanto tempo, ganhou forças inclusive na literatura. A mulher, não mais acanhada e reclusa, passou a falar de seus valores, receios, indagações de forma contínua fazendo surgir uma literatura feminina com valores e elementos próprios. (DOMENES, 2008, p.11).

Trata-se de uma narrativa investida em poeticidade e estruturada em breves monólogos, com duas vozes distintas: um homem (maduro, estudante universitário e professor voluntário em um presídio, divorciado por duas vezes e ateu) e uma mulher (jovem, professora universitária de História, politizada, que sonha com um mundo melhor e que acredita que “[...] toda a História da civilização fora construída sobre o objectivo sistemático da exclusão das mulheres” — (PEDROSA, 2003. p.25). Ambos apresentam uma relação intensa, que se configura a partir de uma mistura de sentimentos entre o amor-paixão — denominado de *Eros* pelos gregos — e o amor-amizade — conhecido como *Philia*, na cultura grega (SPOONVILE, 1998).

Os monólogos se intercalam e buscam o diálogo, trazendo reflexões de âmbito político, social, cultural e filosófico. As vozes estão sempre em sintonia. O romance inicia-se com a personagem feminina, numa estratégia machadiana de narrador além túmulo: ela acaba de morrer, mas que não consegue se desligar da vida nem das pessoas com quem conviveu, principalmente daquele o qual ela refere-se como “meu amigo”.

As lembranças dos momentos vividos com esse amigo e o arrependimento pela não concretização de certos desejos é um dos elementos marcantes dessa narrativa, o que mostra uma linha tênue entre *Eros* e *Philia*: eram amigos, mas poderiam ser amantes? Se fossem amantes, ainda seriam tão amigos?

Atenta-se para essa imagem da mulher movimentando-se entre amor e amizade, porque aqui se compreende que a personagem de Pedrosa é construída a partir de um apanhado de algumas das mais relevantes e diferentes imagens da mulher contemporânea: aquela que estuda, lê, participa ativamente da vida política de seu país — a personagem é deputada de um partido de esquerda —, tem vida social e sexual também ativa, mas continua a conviver com a cobrança dos papéis de esposa e mãe, ainda atribuídos à mulher como única forma de realização.

Ao longo da narrativa, percebe-se a preocupação cultural em se distinguir e delimitar as funções do homem e da mulher. Segundo Costa:

Em todas as sociedades humanas, conhecidas historicamente, existe uma diferenciação entre as atividades realizadas por homens e mulheres. Isto é, existe uma divisão sexual do trabalho estabelecida a partir de regras específicas de cada grupo social associadas a gênero e geração. A guerra e a política, em todas as sociedades, são sempre atividades masculinas. Já o *cuidar das crianças e da família*, são sempre atividades tipicamente femininas. [...] O fato fundamental nessa divisão sexual do trabalho é que em todas as sociedades, as atividades masculinas são invariavelmente reconhecidas socialmente como mais importantes, mais valorizadas e de maior prestígio do que as atividades realizadas por mulheres. (COSTA, 2002. p.70) .

Para Costa (2002), por muito tempo, a única participação exercida pela mulher era limitada à vida doméstica, seu papel se fundamentava em ser nada mais que a procriadora e seu reconhecimento se limitava apenas a tal função. Em suas palavras:

A mulher, principal responsável pela reprodução, ficou isolada na vida doméstica/privada. A ela foi negada qualquer forma de participação social. O isolamento doméstico privou e tem privado as mulheres da experiência de organizar e planejar suas lutas, uma fonte básica de educação política. (COSTA, 2002. p.70-71)

A política é um dos temas tratados em *Fazes-me falta*. O romance localiza-se historicamente entre o final do séc. XX e início do XXI e flagra o drama de uma professora universitária do curso de História, idealista, inconformada com as injustiças do mundo, que ingressa na política na tentativa de resolvê-los. A imagem retirada da leitura nos mostra a figura de uma mulher consciente dos novos e outros papéis femininos, uma mulher determinada que sabe o que quer, com ideias e ideais políticos, participativa, ou seja, uma mulher livre, porém, não estigmatizada socialmente — como ocorria com a maioria das mulheres que, antes da revolução feminista, ousavam ultrapassar a esfera privada, como constata Perrot: “O homem público, sujeito eminente da cidade, deve encarnar

a honra e a virtude. A mulher pública constitui a vergonha, a parte escondida, dissimulada, noturna, um vil objeto, território de passagem apropriado, sem individualidade própria.” (1998, p.7).

A mulher sempre foi representada na literatura, porém, como a maioria dos escritores era do sexo masculino, as imagens construídas por eles tendiam à perpetuação de papéis padronizados. Esses modelos, configurados nas páginas dos romances, contos, novelas, poemas e demais formas de criação literária, possuíam um forte poder de influenciar às mulheres da época, conforme analisa Alves:

[...] Estas imagens são contruídas como modelo com a finalidade de controlar o comportamento da mulher que vai se inserir no espaço doméstico (a virgem pura e a mãe de família). Ao mesmo tempo e como seu contrário, também, será elaborado o perfil (em aberto) da mulher livre (a prostituta, a livre pensadora etc.), rejeitada para ter um papel na família, núcleo fundamental da sociedade dentro da concepção burguesa. (Alves, 2002. p.85).

Ou seja, é possível falar de uma preocupação em representar a imagem feminina na literatura a partir não apenas de um modelo sugestivo de conduta, mas, sobretudo, de cristalização do papel correto a ser protagonizado pelas mulheres que não desejava a exclusão dos meios sociais. Essa preocupação não se limitava em apenas descrever o modelo da mulher ideal, perpassava esse ideal, ia além, mostrando o que aconteceria com a mulher caso não seguisse o padrão *correto*. Durante toda a história, veem-se casos de mulheres capazes de rejeitar tais limites e que, em consequência disso, foram retratadas a partir de imagens negativas — a bruxa, o espírito maligno, a prostituta, a infiel —, que de alguma forma tentavam coibir uma provável libertação das mulheres dessas dicotomias entre Bem e Mal, certo e errado.

Partindo do princípio de que a autora de *Fazes-me falta* é uma mulher, pode-se perceber desde o início uma disposição à quebra do estereótipo presente na história da literatura ocidental. As imagens escolhidas por Pedrosa buscam incorporar os novos papéis e as novas características do feminino no mundo moderno e contemporâneo. Segundo Kehl, é quando:

Surge a mulher sujeito de um desejo cuja satisfação está além da aposta no casamento e na maternidade. Surge a figura da mulher sexuada feminina, sedutora, mas não necessariamente destinada à maternidade. Além disso, as mulheres ingressam em massa nas universidades e no mercado de trabalho, deixando para trás, em poucas décadas, a dependência econômica em relação a pais e maridos. Surge uma mulher que não é mãe, ao mesmo tempo que já deixou de ser filha. (KEHL, 2002. p.16).

É o que se vê na narrativa de Inês Pedrosa acerca da personagem principal: força de caráter, clareza de ideias, consciência da história e dos limites sociais impostos historicamente, vontade de quebrar paradigmas. Porém, vê-se também outra questão comumente apontada nas falas das mulheres modernas e contemporâneas: a tão propalada queixa de que os novos papéis conquistados levam a perdas afetivas e familiares. No caso de *Fazes-me falta*, é a partir do envolvimento da personagem na política que a amizade com seu melhor amigo é abalada: “Mudaste. Não sei se foi a política, o sucesso, a mediocridade do meio, ou nada disso. A tua voz mudou, a tua alegria arrefeceu, eu queria-te igual.”(PEDROSA, 2003. p.80).

O parceiro, antes cúmplice do discurso e das ideias da mulher, passa a recortar as falas dela e a tecer críticas à nova atuação: “A política retirou-te o estilo e afastou-te de mim” (PEDROSA, 2003. p.13), reclama o homem, e declara, de forma ácida: “Quando nos conhecemos não era assim. Citavas-me. Punhas aspas. O teu encanto era essa tão rara-cintilação de aspas. Dizias; “fulano disse-me”, “cicrano contou-me.” Sublinhavas a inteligência e a beleza das palavras dos outros. Na

passagem à política foste largando esse rigor, como pele incômoda...” (PEDROSA, 2003. p.18). Há sempre uma brecha para que ele reafirme seu descontentamento:

E como me decepcionaste, quando te meteste na política. Nem me pediste opinião. Só dessa vez não me pediste opinião - sabias que eu diria que ser deputada não era coisa digna de ti. Quando decidiste que fazias falta ao país, deixaste de me fazer falta. Pelo menos assim fui sentindo. O teu telefone estava sempre impedido.

Depois de três dias sem te falar, comecei a habituar-me a esse silêncio novo.

Habituei-me enraivecido — e essa raiva passou a fazer parte de mim. A tua voz descentrou-se, inclinou-se para a melopeia.

A voz comercial com que defendias agora as Grandes Causas do Universo era-me insuportável. Onde estava a minha amiga? Onde estava a voz desafinada, extrema, que me servia de sol de emergência? (PEDROSA. 2003. p.75).

Assim, apesar da atuação social da mulher ter sofrido um avanço tanto no âmbito do mercado de trabalho quanto no âmbito do lar, a decepção que o amigo teve com essa decisão nos mostra que a política tem como sinônimo o poder, e às mulheres esse poder não era apenas negado, era também proibido. Algumas se disfarçavam usando roupas masculinas para poderem penetrar na Câmara dos Deputados. Assinala Perrot (1998 p.67): “É por isso que o acesso à palavra pública foi tão difícil, tanto no plano profissional quanto na política.” Mostrando que a ideia do ser politizado é um atributo exclusivo do gênero masculino, explica Perrot: “Teme-se, por conseguinte, a intrusão das mulheres na política, ou até mesmo sua mera influência.” (1998, p.9).

Na sociedade atual, ainda há vestígios enraizados de um pensamento separatista e preconceituoso que alegam a impossibilidade do feminino de governar. Muitas pessoas não conseguem se desvencilhar desta percepção, para assim gerir a nova realidade na qual a mulher está desempenhando cargos ainda tidos como masculinos. No Brasil, a porcentagem de mulheres exercendo cargos de poder vem crescendo ultimamente, porém, esses números mostram um resultado ainda insatisfatório, não chegam a 15%. Isso revela que apesar de a mulher estar ocupando espaços mais amplos, ainda existe uma resistência de ambas as partes no ambiente político, como indaga Perrot: “Por que as mulheres, que conquistaram a igualdade civil, a instrução, a condição de assalariadas, certas formas da criação, o esporte de alto nível, etc. , têm tanta dificuldade em chegar aos comandos da cidade, tanto econômicos quanto políticos?” (PERROT, 1998. p.12). O próprio personagem de *Fazes-me falta* reafirma:

Tanta energia vã, cachopa. Tanto te desgastaste com as intrigas da política — e para quê? Bem te avisei.” O Estado é homem, e dos trastosos, para que te vais meter nisso?.” Respondeste-me que a Liberdade é mulher. Como a Revolução. Ou a Democracia. Ou a Igualdade. Poderia acrescentar: e a Inveja, e a Intriga, e a Traição. (PEDROSA, 2003. p.156).

A análise da *anormalidade* da figura feminina no ambiente político também é compreendida por Perrot:

A entrada das mulheres na política não é normal em nenhum lugar, quer se trate dos partidos, do legislativo ou do executivo. A política é uma profissão de homens, concebida e organizada no masculino. Em seus ritos, em seus ritmos, em seus horários, em suas formas de sociabilidade, em sua apresentação de si, que molda também a expectativa do público, eventualmente decepcionado por ser representado por uma mulher, porque tem a sensação de ser desvalorizado ou menos bem representado [...]. (PERROT, 1998. p.129).

A personagem de Inês Pedrosa enfrenta tanto as dificuldades de caráter social — estranhamento do feminino no poder — quanto às de caráter cultural — a própria dificuldade da personagem com a não familiarização do ambiente político. Essa não familiaridade pode ser entendida dentro de uma conformação da mulher ao senso comum que aponta uma falta de naturalidade do feminino com certos papéis:

A ideia de que a natureza das mulheres as destine ao silêncio e à obscuridade está profundamente arraigada em nossas culturas. Restritas ao espaço do privado, no melhor dos casos ao espaço dos salões mundanos, as mulheres permanecem durante muito tempo excluídas da palavra pública. (PERROT, 1998. p.59).

Essa conformação histórica deve ser vista como mais um entrave a ser vencido pelas candidatas a cargos de poder e evidência: “Para a maior parte das mulheres, acostumadas ao silêncio, tomar a palavra em público era difícil. Certas associações organizaram cursos para ensinar-lhes como controlar as emoções.”(PERROT, 1998. p.68). No romance de Pedrosa, há, ainda, certas dificuldades oriundas da mudança de papéis que acarretou, momentaneamente, a perda da afetividade entre os parceiros, antes amigos e confidentes. Trata-se de uma situação típica encontrada em filmes, telenovelas e demais textos contemporâneos: após as conquistas do movimento feminista, a mulher passa a lidar com a negação dos papéis aos quais antes estavam condicionadas — esposa, mãe, dona de casa, confidente. É como se houvesse uma espada sobre a cabeça das protagonistas e personagens: ao conquistar o espaço público, ao se tornar independente ou obter destaque na profissão escolhida não pudessem mais desempenhar os papéis anteriores. O “ou” se coloca como necessário nos dramas e representações da nova mulher, mostrando a dificuldade de absorção na cultura da mobilidade dos papéis.

Acerca dessa dificuldade de ver o feminino conciliar os diversos papéis sociais, profissionais e familiares, o personagem masculino de Inês Pedrosa desabafa: “Depois iniciaste uma carreira de poder e perdeste esse gosto profundo pelo romance extático.” (PEDROSA, 2003, p.13). Sobre esse novo drama enfrentado pela mulher, (MATOS, 2000, p.169) declara: [...] por já serem “conhecidos” os papéis masculino e feminino no relacionamento a dois parece ser substancialmente difícil para as mulheres negociar posições diferentes daquelas atribuídas estereotipadamente pela cultura”.

Mas nos parece que tal tarefa se torna ainda mais difícil para a mulher se esse novo papel envolve elementos relacionados com o exercício de cargos públicos. Ou seja, para exercer o poder no espaço público é preciso negar a atuação do feminino no espaço privado. Um estranho mecanismo de troca: ganha-se uma esfera e abre-se mão da outra, antes destinada *naturalmente* à mulher. Essa afirmação nos ocorre diante da confirmação da personagem de Pedrosa: curiosamente, ela exercia um papel afetivo junto ao amigo — de confidente. O melhor amigo do personagem masculino, a pessoa com quem se podia conversar tanto sobre História, política, literatura, música, artes em geral, quanto sobre os medos mais íntimos, sobre as paixões, as decepções etc., não era um homem, e, sim, uma mulher: a grande amiga que, com sua sensibilidade e formação cultural privilegiada, desempenhava na vida do outro esse papel normalmente exercido por um homem. Porém, diante da entrada da personagem feminina na política, sendo essa uma profissão de poder, a narrativa nos mostra uma rejeição clara do personagem masculino à possibilidade da amiga continuar a exercer tal função tão íntima e de ordem privada. Vê-se, aqui, a representação literária de uma internalização comum ao gênero masculino no que diz respeito à divisão do feminino em papéis diversos e excludentes, isto é, a esposa não pode ser a amante, a santa não pode ser a prostituta, a amiga não pode ser a chefe, a mãe não pode ser o pai, a princesa não pode ser a bruxa etc.

De forma igual, também se mostra em *Fazes-me falta* a complexidade dos novos papéis femininos: além de ser difícil conciliar vida pública com privada, também a maternidade é um dilema para a mulher.

Solteira e independente. Essa é uma situação cada vez mais frequente entre as mulheres, atualmente. Porém a personagem *pedrosina* é surpreendida com uma gravidez não planejada, fruto de um relacionamento dominado pelo amor EROS- paixão avassaladora e momentânea que como afirma a personagem: “Plantara-me a morte no lado errado do corpo.”(Pedrosa, 2003, p.209). A qual levou-a em direção a sua morte:

Morri em eco, desdobrada. Morri com um sem-abrigo perdido no caminho para o meu útero, morri porque o meu corpo decidiu gerar uma vida nova e se enganou. Percebi que a morte abria as comportas do meu sangue, mas só no fim desse rio vermelho percebi que levava comigo um filho impossível.(PEDROSA, 2003, p.15).

Mais do que o fim de todos os seus sonhos, de poder mudar o mundo, de denunciar as injustiças, da própria ascensão social e todos os papéis já conquistados, a gestação da personagem ainda leva-à sua própria morte. O ocorrido impede-a de qualquer forma de realização pessoal, tanto esfera privada- não casou-se, não teve filhos, quanto na esfera pública- não obteve sucesso em sua carreira. Iniciando, assim, outro drama afetivo com o mundo que está deixando e de onde não deseja sair.

Ainda, numa tentativa incessante de conquista-los?

Considerações finais

Diante da perspectiva histórico comparativa dos quais foram analisadas as imagens da mulher no universo feminino contemporâneo, com o enfoque na personagem de “Fazes-me falta”, percebeu-se que os estereótipos de gênero continuam a atribuir distinções entre os papéis de homens e mulheres. As dificuldades de manter os espaços por elas, duramente conquistados, são, muitas vezes, abalados pelos laços afetivos. Tudo isso contribui para existência e permanência da inibição feminina, ainda existente em explorar outros âmbitos da vida pública e como reflexo dessa timidez o impedimento de novas conquistas.

Referências

- ALVES, Iva. Imagens da mulher na literatura na modernidade e contemporaneidade. In: FERREIRA, Sílvia Lúcia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do. (Org.). *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/UFBA, 2002. (Coleção Baianas 7).
- COSTA, Ana Alice, Alcântara. Refletindo sobre as imagens da mulher na cultura política. In: FERREIRA, Sílvia Lúcia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do. (Org.). *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/UFBA, 2002.(Coleção Baianas 7).
- DOMENES, Maria Fernanda M; OLIVEIRA, Tatiana C. *Entre espelhos amores e ausências: uma leitura de fica comigo esta noite de Inês Pedrosa*. (trabalho de conclusão de curso) Disponível em: http://legacy.unifacef.com.br/novo/letras/rel/edicao_02/200908entreespelhosamores.pdf. Acesso em: 10 jan. 2012
- KEHL, Maria Rita. Sexualidade recontextualizada. In: FERREIRA, Sílvia Lúcia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do. (Org.). *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/UFBA, 2002.(Coleção Baianas 7).
- MAIS MULHERES NO PODER. Disponível em: http://www.sepm.gov.br/publicacoes-teste/SPM_Plataforma2010.pdf. Acesso em: 24 abr. 2012.
- MATOS, Marlise. *Reinvenções do vínculo amoroso: cultura de identidade e gênero na modernidade tardia*. Belo Horizonte: UFMG/IUPERJ, 2000.
- PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. Trad. de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 1998.
- PEDROSA, Inês. *Fazes-me falta*. São Paulo: Planeta, 2003.
- SPONVILLE, André-Comte. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.